

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
ESTRANGEIRISMO NA MODA
E A MODA DO ESTRANGEIRISMO

Denise Salim Santos (UERJ)
d.salim@globo.com

RESUMO

A constante evolução do mundo da ciência e suas aplicações nos diversos campos do conhecimento humano trazem ao público leitor de jornais e revistas novas palavras, cuja origem se apresenta ao mundo, em princípio, na língua – fonte de onde se originam tais conhecimentos. Pretende-se neste trabalho observar a frequência de termos estrangeiros que se apresentam ao longo de matérias jornalísticas, com foco no *Caderno Ela*, publicado no jornal *O Globo*, buscando observar a função discursivo-comunicativa que desempenham no texto. Fundamentam esse estudo os textos teóricos dedicados ao estudo dos estrangeirismos, em destaque Carlos Alberto Faraco (2001), Kanavillil Rajagopalan (2003) e Ismael de Lima Coutinho (1974). Interessam-nos também os estudos sobre terminologia, uma vez que se pesquisa a terminologia do universo discursivo da moda.

Palavras-chave: Léxico. Estrangeirismos. Terminologia.

1. *Introdução*

O título deste artigo, de pronto, já nos mostra como a palavra pode ser manipulada para a construção de efeitos discursivos. Nos dois sintagmas – “estrangeirismo na moda” e “a moda do estrangeirismo”- a palavra “moda” pode sugerir o uso de palavras estrangeiras como marca de um momento, de uma fase passageira, um modismo, que, segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (DHLP)

1) é uma fórmula, lugar-comum, locução ou palavra, de linguagem formal ou informal, correta ou errônea, cujo emprego, num dado momento, se intensifica como uma moda[...].2. o uso dessa fórmula, lugar-comum, etc.” Ou então como uma unidade lexical de natureza terminológica que nomeia uma atividade: “conjunto de usos coletivos que caracterizam o vestuário de determinado grupo humano em um dado momento histórico. (DHLP)

Das definições dicionarizadas, podemos nos apropriar para interpretar os dois sintagmas constituintes do título, se os considerarmos isoladamente. Porém, ao reuni-los em um único enunciado, percebemos que se criam sentidos diversos para cada um deles que constituem ao final, a razão do estudo aqui esboçado. Ou seja, em que medida o emprego de uma expressão estrangeira é apenas um modismo com sua efemeridade,

uma escolha ou excentricidade, ou um termo de relevância na constituição do universo terminológico de uma atividade?

Essas indagações nos conduzem a refletir sobre a funcionalidade de palavras e expressões estrangeiras adaptadas ou não a nossa língua que aparecem no caderno *Ela*, do jornal “O Globo”. A escolha se deveu ao fato de este caderno, pela própria escolha de seu título, já demonstrar-se voltado para um público inicialmente específico, o universo feminino, sugerindo um olhar diferenciado sobre determinados assuntos, um olhar, digamos, especializado sobre os temas ali abordados. Além disso, as colunas são bastante diversificadas em relação ao que comumente remete à “moda” em sentido amplo. Ali a “moda” está em vários campos da atividade humana, vinculada a certos estilos em voga: vestuário, esporte, arquitetura, mobiliário, comportamento, literatura, beleza etc. Ou seja, procura cobrir o que está em destaque no momento, seja pontual ou não. Assim, de um lado, a presença da palavra estrangeira poderá atender à subjetividade do produtor da matéria e se torna um elemento de peso para a expressividade; de outro, não haverá como fugir de seu emprego por pertencer a um universo discursivo especializado, como é o caso das terminologias ou termos de especialidade da moda.

Leandro Konder, em seu livro “A questão da ideologia (2002, p. 151) chama atenção para o fato de que

em nossa vida cotidiana, não temos tempo para nos debruçar com a devida atenção sobre termos que utilizamos e não nos damos conta do fato de que eles ‘dizem’ muito mais do que costumamos supor. As palavras, as inflexões, o modo de construir as frases, cada uma dessas coisas tem sua própria história.

Em 1999, o Projeto de Lei do deputado Aldo Rabelo mobilizou a academia na discussão de um tema que, ao mesmo tempo, demanda substancial conhecimento histórico e linguístico e determinada postura política preocupada com “a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa” (Projeto de Lei Nº1676 de 1999). Tal como foi argumentado por muitos estudiosos do assunto ou até mesmo por leigos parece que o autor do projeto ignorou que a língua portuguesa falada no Brasil traz na sua constituição lexical enriquecimento de outras línguas que não somente a trazida de Portugal, por sua vez já influenciada por tantas culturas linguísticas em função de fatos políticos, históricos, geográficos e ideológicos na sua constituição, e que tenhamos em nosso vocabulário até hoje palavras de origem as mais diversas. Citamos Ismael de Lima Coutinho (1976, p. 45): “Antes e depois dos romanos, outros povos estiveram na Península Ibérica, onde deixaram vestígios de sua permanência no vo-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

cabulário” E elenca palavras de origem ibérica (barro, bezerro, bizarro, cama, sapo); céltica (bico, caminho, camisa, carro, cerveja, galo, bardo); fenícia (barca); grega (bolsa, cara, corda caixa, espada, governar, órfão, bíblia), muitas das palavras gregas chegando ao português de forma indireta pelo latim ou pelo árabe; germânica (arauto, guerra, aspa, fralda, agasalho, albergue, cuia, lata, roubar, pontos cardeais - norte, sul, leste oeste; árabe (arroz, azeite, açude, algodão, alface, tambor, xarope, cifra); provençal (alegre, anel, jogral, viagem).

Quanto ao português no espaço brasileiro, tem-se a forte influência das línguas indígenas que, à época do descobrimento, eram muitíssimo numerosas, e africanas (banto, jeje-mina, nagô, ioruba), embora saibamos que a influência africana já se fazia notar no português europeu devido às atividades comerciais em terras de África, entre as quais se inclui o tráfico de escravos. Da influência indígena nos ficaram de herança muitos antropônimos (Jussara, Iracema, Jurema, Sucupira, Paranaguá); topônimos: (Guanabara, Niterói, Piraí, Jacarepaguá, Pavuna), zoônimos (curió, gambá, paca, piranha, maracanã), nomes do reino vegetal (pitanga, tiririca, peroba) etc. Dos falares africanos foram herdadas outras tantas unidades lexicais pertencentes à geografia, à religião, à música, aos alimentos, vestes etc. Quilombo; Iemanjá, Ogum, babalaô; batuque, samba; agogô; abará, acarajé; miçanga, tanga; senzala, caçula e uma infinidade de outros itens lexicais em pleno uso até os dias de hoje.

2. De estrangeirismos e empréstimos: percursos

Sendo o léxico uma classe aberta a novas incorporações, os estudos lexicais trazem-nos também como fontes de sua ampliação a aceitação de expressões oriundas de outras línguas como a importação estrangeira por troca cultural e a nomenclatura técnica, em decorrência do desenvolvimento das ciências. Em nosso estudo privilegiaremos a importação de termos estrangeiros discutindo em que medida são empregados como elementos de uma terminologia ligada a uma atividade técnica, específica e uniformizadora do discurso da moda ou como recurso expressivo de que se socorre o produtor do texto para dar certo toque de exotismo ao que pretende informar ou influenciar; ou como diz Kanavillil Rajagopalan (2002, p. 65) “conotar prestígio”. Mas já acautelava Ismael de Lima Coutinho (1974, p. 217) quanto aos vocábulos importados: “enquanto se não adaptam ao gênio da língua e não estão em franca circulação, devem ser usados com cautela”. De certa forma, ao propormos este

estudo, pensamos que doses de bom-senso e um pouco de bom gosto ajudam a selecionar com certo critério o uso de palavras de origem diversa à de nossa língua.

As importações estrangeiras são aquelas expressões oriundas de uma língua de partida que, mantendo características fonéticas ou gráficas estranhas à língua de chegada, são reconhecidas pelos falantes como palavras estrangeiras, ou estrangeirismos. O que não se podem ignorar são alguns fatores que recobrem o fenômeno “estrangeirismo”. Tais unidades são decorrentes de influências culturais, econômicas e políticas que, inevitavelmente, resultam de contatos entre línguas, de uma troca intensa decorrente da globalização e dos avanços tecnológicos contemporâneos e de toda sorte de influências externas mútuas. A força centrífuga dos contatos linguísticos é fator importante no processo de aceleração das mudanças em nível linguístico. Além disso, Kanavillil Rajagopalan (2003) aponta outro fator para a valorização da língua estrangeira, e dela o seu léxico, como a suposta superioridade para se atingir prestígio, e acrescentamos, para “estar na moda”. O linguista critica tais critérios valorativos que muitas vezes levam o falante de uma língua a um sentimento de inferioridade em relação à sua língua materna:

A língua estrangeira sempre representou prestígio. Quem domina uma língua estrangeira é admirado como pessoa culta e distinta. Tanto isso é verdade que a palavra “estrangeira” é comumente reservada para qualificar uma outra língua que conta com mais respeitabilidade que a língua materna de quem fala. (RAJAGOPALAN, 2002, p. 65)

Efetivamente as palavras, no momento em que entram em circulação em uma língua de chegada, comportam-se como palavras novas, ou neologismos, não sendo ainda integradas, em sentido amplo, ao repertório nativo, preservando o traço de origem. A frequência de uso denotará aceitação ou não da novidade lexical. Se aceita, mais tarde será definitivamente incorporada ao repertório, agora já como empréstimo. Dessa maneira, são os falantes que decidem se tais termos permanecem com feição original ou próxima dela ou entram em desuso.

Ana Maria Stahl Zilles (2001:156) pondera que os empréstimos

[...] são reflexos de processos culturais, políticos e econômicos bem mais amplos e complexos. Muitas vezes, utilíssimos à elite, que assim se demarca como diferente, superior. [...] Outras vezes, são felizes incidências na constituição identitária e cultural de um povo.

Exemplifica com a questão do *football* que, antes aristocrático para os ingleses, se torna a paixão do brasileiro, que o reinventa “não só na

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

prática como na nomenclatura”, a partir de adaptações ao sistema da língua ou mesmo criando novos termos dentro da vernaculidade, de que é exemplo o “Pequeno dicionário do futebolês” (GIMA, 2014) dedicado a explicitar termos e expressões que frequentam o universo esportivo do futebol em campos brasileiros.

A presença de uma palavra estrangeira em um texto pode ter tem uma finalidade afetiva, uma tonalidade emotiva porque tem poder de recuperar certo tempo-espço, configurar determinada situação ou mesmo firmar uma ideologia, de que são exemplos de palavras evocativas como intencionou Charles Bally. O estrangeirismo também dá um toque de exotismo ao texto, acentuando a expressividade.

3. *Usando a teoria: alguns exemplos*

No material que nos serve de *corpus* encontramos algumas ocorrências que exemplificam o emprego das palavras estrangeiras. Vejamos:

1. Há vários homens com o rosto e corpo incríveis, mas o brasileiro tem um *swing*, faz um estilo. (ELA, 20/08/2016, p. 3)

A palavra “*swing*” é apresentada em primeira acepção do *Dicionário Houaiss* como rubrica, ou seja, um termo de especialidade do campo musical não só instrumental, mas também da dança:

Suingue. Substantivo, masculino

Rubrica: música. música de *jazz*, de ritmo vivaz e insistente (em geral a cargo de grande conjunto), à qual se sobrepõe uma melodia (para solo de saxofone, trompete etc.), executada livremente em *rubato*.

Rubrica: dança. dança executada ao som dessa música.

Observa-se que, da forma como está empregada, o sentido de “*swing*” apreendido do texto não se refere necessariamente às definições do verbete como rubricas, mas sim como extensão de sentido por efeito metonímico “*balanço*”, gíngua: “movimento corporal ritmado com que dançarinos e ouvintes acompanham os compassos e o ritmo dessa música jazzística ou de outros ritmos bem marcados; *balanço*” (DHLP). Ainda com relação a essa palavra, o dicionário consultado registra como entrada a forma inglesa original, em itálico, “*swing*”, porém faz remissão à forma “*suingue*”, já perfeitamente adaptada fonética e ortograficamente ao sistema da língua portuguesa, onde são encontradas informações semânticas e abonações. Embora a matéria pertença ao universo da Moda – modelos, desfiles etc. -, o emprego da palavra se presta mais a dar um toque sofis-

ticado e sensualizador ao que está em foco: o tipo físico e a manemolência dos modelos masculinos brasileiros.

2) – É bom que o noticiários estão olhando mais para o mercado masculino do que para o feminino, dando mais valor – comemora o *top*, que desembarcou em Paris e desfila com exclusividade para a Dior. (ELA,20/08/2016)

3) [...] o caso do catarinense Gabriel Shinel, que está na publicidade de inverno 2016/2017 da Givenchy, ao lado das *tops* Irina Shayk e Bella Hadid. (ELA 20/08/2016)

De étimo inglês, “*top*” significa “parte de cima”, “ponto mais alto”, “mais alto grau”. No *Dicionário Houaiss* aparece como um regionalismo brasileiro (DHLP); como terminologia da física - partículas elementares – remete ao termo dicionarizado “quark”; e do vestuário, “mesmo que *bustiê*”. Ortograficamente é mantida a forma original da língua de partida. No texto é empregado como forma reduzida da locução “top model”- “supermodelo”, sobrepondo o valor semântico “sucesso”, ou “manequim célebre, muito procurado por estilistas e fotógrafos famosos”, segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa* (versão on-line). No *Dicionário de termos da Moda* (AFLALO, 2013, p. 63) há uma série de outras locuções como “top hat” (cartola), “top coat” (sobretudo masculino leve), porém nenhuma referência a “top model” ou somente “top”. Já no *Dicionário da Moda* (SABINO, 2007, p. 582) encontramos o verbete “top models” ou supermodelos”, em que a locução se repete na íntegra sempre. No fato em análise, verifica-se que a forma “top” no texto é parte do item terminológico, mas seu uso abreviado sugere uma questão de estilo de quem produz a matéria, bem como a de coloquialidade com seus leitores.

4) O desempenho dos brasileiros na temporada de verão 2017 internacional em junho, foi animador [...]. Tinha *backstage* em que o idioma extraoficial era o português. (ELA 20/08/2016)

Segundo o registro em DHLP, *backstage* significa “bastidor”

bastidor

Rubrica: teatro. diz-se de ou armação móvel de cenário, feita de madeira e pano, que se monta nas partes laterais do palco para delimitar, em conjunto com as bambolinas, o espaço cênico; regulador

bastidores

Rubrica: teatro. corredores que contornam a cena, no palco, fora das vistas dos espectadores; caixa do palco, coxias

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

O estrangeirismo “backstage” está registrado em Marco Sabino (2007, p. 740) como “palavra inglesa que significa bastidores, sendo também usada para designar a área e os camarins onde modelos são preparados antes de entrar na passarela e onde geralmente está concentrada a equipe de uma marca desfilante”, portanto considerado um termo de especialidade. Há em português palavras de valor equivalente e de certa forma mais usuais que a palavra estrangeira “backstage” - “bastidores”, ou “camarim”. Assim pode-se supor que a intenção do emprego do termo estrangeiro seria registrar a presença de muitos modelos brasileiros, portanto circulação da língua portuguesa em evento internacional e, ao mesmo tempo, dar um toque de sofisticação à matéria. Neste caso ficamos com o uso do estrangeirismo como recurso expressivo, evocativo e não apenas como unidade terminológica.

Na matéria, “Feira pet tem cerveja, coxinha e técnica de tatuagem para cães”, de Joana Dale, estão presentes vários estrangeirismos, alguns puramente neológicos como “dogmodel”, Ao pé da letra, cão modelo, mas considerando a associação semântica a “top model”, tem-se a cadelinha mais requisitada para fotos e desfiles como V(ery) I(mportante) (P)erson(ou seria Dog?). Afinal o mundo da Moda também afeta, e muito, as relações homem-animais hoje em dia. O DHLP já registra a sigla “VIP”: “diz-se de ou indivíduo de grande prestígio”. “Groomer”, palavra já registrada no DHLP sem qualquer adaptação, e por isso considerada um empréstimo ao inglês, dependendo do contexto, apresenta como definição “cabeleireiro”, “tratador”, mas no texto em tela há uma especialização de sentido acionada pela jornalista por meio de metalinguagem: “esteticista canina”.

- 4) Apliques de franja cor-de-rosa, grampos purpurinados, pingentes de *emoji* e coroa eram alguns dos acessórios mais comentados. A *dogmodel* Bela, de 4 anos, foi convidada para fazer presença VIP no estande da SharkDog e divulgar a marca. (ELA: 01/11/2015)
- 5) Os novos comes e bebes chegam para incrementar ainda mais o setor de alimentação (*pet food*), que inclui rações e é a principal fonte de receita deste lucrativo universo. Mesmo em tempos de crise, o mercado voltado para animais de estimação não para de crescer no Brasil. Segundo o Instituto Pet Brasil, houve um faturamento de R\$ 20,7 bilhões no ano passado.
- 6) A *groomer* (como chamam a esteticista canina, sim, ela existe) Scynara Camargo foi à feira demonstrar a última moda em tosa, a chamada “tatuagem capilar”. Ela desenha no pelo com uma máquina e, na sequência, faz a pintura com tinta antialérgica.

Nos dicionários gerais consultados, palavras como “*pet*” (animal de estimação) ou “*pet food*” (comida para animais “de estimação”) ainda não estão registradas, mas circulam com significativa frequência de tal forma já se perde a noção de palavra nova. Nos dicionários de língua in-

glesa, as expressões estão registradas, mas também sem a rubrica de termo de especialidade.

- 7) O melhor espetáculo desta Olimpíada carioca, meus caros, está na piscina. Michael Phelps, por exemplo, não apenas aumentou sua coleção de medalhas, como subiu no *ranking do sex appeal*: passar dos 30 anos lhe fez bem [...]. E há os italianos, sempre, eles: Luca Dotto, até o nome soa másculo, é o corpo do *underwear* da Emporio Armani. Giorgio sabe mesmo das coisas...

Dois aspectos chamam a atenção no exemplo 7. O primeiro diz respeito à mesclagem presente na expressão “*ranking do sex appeal*” em que a organização sintática pertence à língua portuguesa; a segunda, seus elementos nucleares são palavras de origem inglesa já consideradas suas formas originais pertencentes ao léxico de nossa língua, verdadeiros empréstimos uma vez que, por terem largo uso, já estão dicionarizadas e mantidas intactas suas formas originais. No DHLP “*ranking*” não aparece como termo de especialidade, mas no DLPAO, é considerado como termo de especialidade do universo discursivo do desporto.

O último comentário retoma a questão do estrangeirismo como uma questão de bom-senso e de bom gosto, em relação ao emprego da palavra inglesa “*underwear*”, ausente nos dicionários de língua portuguesa consultados, mas presente nos dicionários de especialidade da Moda (AFLALO 2013, p 64; SABINO: 2007, p.604). “*Underwear*” significa peça íntima, calcinha, cueca, e no universo da moda forma outros termos como por exemplo *underwear-as-outerwear* (roupa de baixo como roupa de cima). No excerto, porém, dizer-se que o atleta é” o corpo do *undewear* da Emporio Armani”, se ajusta melhor à situação de uso e às intenções discursivas do que “o corpo das peças íntimas (ou das cuecas) da Emporio Armani”, se a questão é valorizar o porte do atleta olímpico italiano.

4. Palavras finais

Vários outros exemplos podem enriquecer este estudo. No entanto creio que consegui demonstrar que o emprego de um estrangeirismo antes de ser um crime de lesa majestade pode ser de grande valia como estratégia discursiva, seja no âmbito da expressividade, no plano subjetivo, seja no plano objetivo para divulgação das atividades no campo do desenvolvimento tecnológico. Irreversivelmente o léxico da língua portuguesa receberá contribuições de outras línguas sem que isso seja ameaça a sua soberania. Também é negável o predomínio dos anglicismos, mas no mundo da moda os francesismos ainda resistem e são empregados com bastante vitalidade. As novidades lexicais chegarão, serão mais ou menos usadas, serão mais ou menos úteis à comunidade falante, serão incorporadas ou relegadas ao esquecimento. Só o tempo e o uso determinarão seu destino. O que se espera é que a presença da palavra estrangeira tenha sempre uma razão de ser, esteja adequada ao contexto e à situação e uso. E que seja lembrado também que, embora sejamos receptivos às novidades da globalização, em muitas

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

circunstâncias, a palavra pertencente ao léxico de nossa língua substitui e muito bem o termo de outra origem. Questão muitas vezes de bom senso e de bom gosto, como a moda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFLALO, Diana. *Dicionário de termos de moda*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Publifolha, 2013.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1996.

DALE, Joana. <<http://oglobo.globo.com/ela/gente/comportamento/feira-pet-tem-cerveja-coxinha-tecnica-de-tatuagem-para-caes-17931278#ixzz4KbzbbMkG>>.

DICIONÁRIO da língua portuguesa com acordo ortográfico. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/topmodel>>.

DE BIAGGI, Enaura T. Krieck; ESTAVALE, Emeri de Biaggio. *English in fashion*. São Paulo: DISAL, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio da Janeiro: Objetiva, 2001.

KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

SABINO, Marco. *Dicionário da moda*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

ZILLES, Ana Maria Stahl. *Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos*. In: FARACO, Carlos Alberto. (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001, p. 143-161.